

**VIDAS EM TRÂNSITO: UMA LEITURA DE *A CHAVE DE CASA*,
DE TATIANA SALEM LEVY, E *OS HUNGARESES*, DE SUZANA
MONTORO**

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

RESUMO: Na literatura contemporânea, o tema da migração tem sido recorrente: primeiramente, como efeito do impacto da teoria pós-colonial; posteriormente, no rastro dos estudos sobre a identidade, focalizando, em especial, a questão do conflito que o imigrante sofre em busca da definição de sua identidade cultural. O ato de migrar, a par das circunstâncias que o geram, traz consigo conflitos que tanto podem levar ao arrefecimento dos traços de afinidades do sujeito com o território de origem, à total perda de suas raízes, como também ao reestabelecimento da identidade por meio da conciliação entre a cultura do país que ora habita e aquela de seu país natal. A proposta deste trabalho é analisar a representação do deslocamento, suas consequências, e o modo como o tema enseja trânsitos na arquitetura textual de duas obras em particular: o festejado romance de Tatiana Salém Levy *A chave de casa* e *Os húngareses*, de Suzana Montoro, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2012, na categoria de Romance de estreia.

Palavras-chave: Migração. Identidade. Herança cultural.

**Lives in transit: a reading of *A chave de casa*, by Tatiana Salem
Levy, and *Os húngareses*, by Suzana Montoro**

ABSTRACT: In contemporary literature, the theme of migration has been recurring: first, the effect of the impact of post-colonial theory; later, in the wake of studies on the identity, focusing, in particular, the issue of conflict that the immigrant suffers in search of a definition of their cultural identity. The act of migrating, along with the circumstances that generate it, brings conflicts that can either lead to cooling of the traits of the individual affinities with the territory of origin, the total loss of roots, as well as the reestablishment of identity through reconciliation between the culture of the country of adoption and that of the native country. The purpose of this paper is to analyze the representation of displacement, its consequences, and how the issue entails transits in the textual architecture of two works in particular: *A chave de casa*, a

¹ Doutora em Literatura Comparada (UFRJ), Professora Titular do UNIABEU- Centro Universitário. Rio de Janeiro, Brasil. Coordenadora do Projeto de Pesquisa de Travessias do espaço, do tempo e da memória: representações do imigrante na literatura contemporânea, com fomento da FAPERJ (E-26/111.114/2013), Coordenadora do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade, fomentado pela FAPERJ (E-26/111.740/2013). Membro do Grupo de Pesquisa Poéticas do contemporâneo: estudos de sociedade, história e literatura. shirleysgcarr@gmail.com

celebrated novel by Tatiana Salem Levy, and *Os húngaros*, by Suzana Montoro, São Paulo Prize winner for Literature in 2012, in the category "Romance debut".

Keywords: Migration. Identity. Cultural inheritance.

INTRODUÇÃO

O nomadismo e a migração sempre marcaram a condição humana (MAFFESOLI, 2001), entretanto, o deslocamento e as questões a ele atreladas, como os processos identitários e a relação do homem com o espaço, têm ocupado lugar de destaque no imaginário cultural contemporâneo.

Quando Zigmunt Bauman (2001), ao refletir sobre as consequências da mundialização, reporta-se à contemporaneidade como *líquida*, ele o faz tendo em mente a fragilidade e a fluidez do tempo presente, quando todas as ancoragens que marcaram a história humana parecem se liquefazer, diluindo fronteiras e esbatendo categorias antes tidas como sólidas, como as identidades nacionais.

Na literatura contemporânea, o tema da migração tem sido recorrente: primeiramente, como efeito do impacto da teoria pós-colonial; posteriormente, no rastro dos estudos sobre a identidade, focalizando, em especial, a questão do conflito que o imigrante sofre em busca da definição de sua identidade cultural.

Em todas as obras que o abordam, as formas com que a herança cultural se apresenta e as possibilidades de escolha do herdeiro se delineiam ora de forma marcante, ora sutil, em representações da memória, na maioria das vezes polifônica, como a deixar entrever que lembrar não é um ato isolado, mas a conjugação de muitas memórias, experimentadas ou não.

O passado é um inventário das memórias alheias, que constituem relatos mais ou menos preenchidos pelo imaginário de outros e a memória individual encontra seu suporte nas percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica (HALBWACHS, 2004, pp. 57-9). Assim, é possível criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que se imagina ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória historiográfica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, é uma imagem engajada em outras imagens (HALBWACHS, 2004, pp. 76-78).

Ao deslocar-se, o homem se vê diante de uma questão crucial, que é o sentimento de pertença. O ato de migrar, a par das circunstâncias que o geram, traz consigo conflitos que tanto podem levar ao arrefecimento dos traços de afinidades do sujeito com o território de origem, à total perda de suas raízes, como também ao reestabelecimento da identidade por meio da conciliação entre a cultura do país que ora habita e aquela de seu país natal. A essa forma particular de reorganização identitária de um sujeito em circunstâncias de exposição a uma alteridade, que resulta de um processo de apropriação e renúncia de determinadas características culturais, Fernando Ortiz denominou *transculturación*.

Este preâmbulo se faz necessário como ponto de partida para a proposta deste estudo: analisar a representação do deslocamento, suas consequências, e o modo como o tema enseja trânsitos na arquitetura textual de duas obras em particular: o festejado romance de Tatiana Salém Levy *A chave de casa* e *Os húngareses*, de Suzana Montoro, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2012, na categoria *Romance de estreia*.

1. TRAVESSIAS DO TEMPO E DA MEMÓRIA

As duas obras em questão giram em torno do deslocamento e do modo como os migrantes e seus descendentes lidam com a questão da memória.

Em *Memória e Identidade*, Joël Candau afirma que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado (CANDAU, 2012, p.9). Como o homem é um animal social e cultural, memória e identidade relacionam-se, efetivando o trânsito da experiência subjetiva para a coletiva.

A memória opera, portanto, na construção da identidade do sujeito, pois consiste no trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado para chegar a sua própria individualidade (MUXEL, 196, p.207).

Candau (2012, p.22-23), ao analisar a memória, propõe uma taxonomia de suas diferentes manifestações: a protomemória, a memória de alto nível e a metamemória. Dada a importância dessa taxonomia para a análise do corpus teórico analisado, passamos às suas definições: a protomemória, ou procedural, consiste naquilo que no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências primárias compartilhadas pelos membros de uma sociedade; a memória de alto nível é que evoca deliberadamente

ou invoca involuntariamente as lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica; e, por fim, a metamemória, que consiste da representação da memória individual, ou seja, a forma como um indivíduo afilia-se ao seu passado (MUXEL, 196, p. 13).

Assim como existe uma memória de fato (de alto nível) e uma metamemória, que a representa, há também uma identidade que assume o estatuto de estado e aquela que consiste em uma representação, ambas constituintes do conceito de identidade individual.

A identidade, seja ela individual ou coletiva, é, portanto, representação do modo como o indivíduo, ou um grupo, imagina-se.

Candau (2012, p.36) afirma que uma sociedade pode compartilhar um conjunto de lembranças, ou seja, delimitar uma área de circulação dessas lembranças, mas as evocações individuais das mesmas são diferentes, uma vez que dependem de escolhas que cada cérebro pode fazer. A transmissão da memória não garante o seu compartilhamento, assim como é impossível garantir que dois observadores compartilhem a mesma experiência.

Nesse panorama inscreve-se também a memória genealógica, ou familiar, que não apenas serve de princípio organizador da identidade do sujeito, mas busca conferir o sentido do enraizamento, do sentimento de pertencimento, da preservação de uma herança imaterial.

Os dois romances que constituem o *corpus* literário deste ensaio focalizam as operações da memória e a sua participação na configuração identitária do migrante.

Em *Os húngareses*, Suzana Montoro cria personagens que vivem em uma aldeia, um vilarejo incrustado nos Balcãs, na bacia do Danúbio (MONTORO, 2011, p.19); um local onde o inverno é rigoroso e o verão tórrido, que parece estar à mercê da natureza. Nesse local, os habitantes nasceram húngaros e, de um dia para o outro, com a mesma naturalidade com que se acorda todas as manhãs (MONTORO, 2011, p.20), tornaram-se iugoslavos, perderam o direito de usar o próprio idioma e foram obrigados a falar uma outra língua: servo-croata.

A narrativa não alude a fatos históricos, nem discorre sobre o episódio político que teria obrigado os húngaros a abdicar da língua materna; sequer uma data é mencionada para situar temporalmente os eventos narrados. No entanto, ao fim do

romance, a autora apresenta uma lista contendo os nomes de húngaros, por ela entrevistados, cujos relatos são os alicerces de sua obra ficcional:

Aos relatos, juntei a imaginação, deixei os personagens se intrometerem e o livro ficou pronto. Os nomes estão trocados, as histórias são inventadas, mas quem viveu no sítio [dos húngareses, em São Paulo] ou conviveu com eles sabe que é tudo verdade. (MONTORO, 2011, p.187).

Estrangeiros na própria terra, órfãos da língua materna, os aldeões viram-se relegados ao silêncio, ópaco de vozes humanas, mas repleto de barulhos (MONTORO, 2011, p.22), comunicando-se através de gestos. O silêncio forçado os obrigou a aguçarem os outros sentidos: olfato, paladar e audição.

Ficamos assim, conversadores sem fala, mas cheios de gestos. Eu gostava disso, da conversa sem som, do que se lia no canto do olhar [...] Aprendi a escutar com os olhos, a ler com o nariz, a ver com os ouvidos. A gramática dos sentidos. A partir de então tudo na nossa aldeia era possível. Acho que teríamos nos tornado para sempre um povo mudo não fossem as distâncias que impediam o reconhecer das faces e cheiros. Aos poucos, e com igual desembaraço, fomos retomando o uso das palavras. O resultado de tudo foi uma língua nova, mistura dos dois idiomas [...] (MONTORO, 2011, p.22)

Muito embora, nesse ponto específico da história, os aldeões ainda não tenham migrado fisicamente, a mudança virtual de território enseja um processo típico das migrações: o desenvolvimento da interlíngua, um dos traços do hibridismo cultural.

Rozália, mãe da narradora e Rózsa, sua tia, assim como outras personagens do romance são pessoas inquietas, peregrinas, atraídas pelo fascínio do desconhecido, mas, contraditoriamente, ligadas às suas raízes, o que faz com que sempre retornem à aldeia natal.

A história da família é narrada pela filha caçula de Rozália, desde o episódio da desterritorialização, passando pela vinda para o Brasil e a vida no sítio dos húngareses, como eram chamados os imigrantes da Europa Central e Ocidental na cidade de São Paulo em 1930. Em contraponto, há a voz de Rozália, narrando os mesmos acontecimentos do ponto de vista de quem vivenciou as situações. A mudança de voz, marcada por mudança de fonte tipográfica, oferece perspectivas complementares da história narrada.

A resenha de Noemi Jaffe para a *Folha de São Paulo*, assim se reporta à duplicidade da voz narrativa:

O duplo foco narrativo, feito principalmente pela filha da protagonista, mas entremeadado de falas de sua mãe, Rosália, é explorado de forma pouco imaginativa: as entradas da mãe, que poderiam dar um sentido polifônico ao romance, são como paráfrases da trama contada pela filha. (JAFFE, 2012)²

No entanto, a voz de Rozália surge como o elemento complementar à narrativa da filha. Se com ela não dialoga, eclode como enunciativa de momentos de rememoração, imprimindo ao texto certa carga de emoção subjetiva que é determinante para a recepção do romance.

Rozália conheceu a tia no dia da morte da mãe. Ainda não era nascida quando esta partiu para conhecer o mundo. Órfã, passou a ser cuidada por Rósza, que, embora não fosse carinhosa, lhe transmitiu os conhecimentos que possuía: a leitura da natureza, o conhecimento sobre ervas, os indícios do tempo na natureza e até mesmo o destino dos homens nas estrelas.

A chegada de um pelotão de soldados transforma a vida da aldeia, que começa a receber visitantes de todos os lugares, o gente que ia em busca de nacionalidade, pisando uma terra elástica onde as fronteiras alargavam e encolhiam feito acordeão. Todos à procura da identidade e da pertinência (MONTORO, 2011, p. 30).

O romance mostra como se configura a identidade nacional e o sentimento de pertença, bem como demonstra que o homem pode reconstruir o seu lugar antropológico e outras terras que não o seu lugar de nascimento.

A o gente que buscava a nacionalidade se dispunha ao desapego das origens, total ou parcial, em troca de uma história, de uma memória, ainda que de empréstimo. Segundo Candau (2012, p.98), a memória das origens se vincula à memória de acontecimentos e costumes que são comuns a um grupo, configurando, junto à memória das experiências individuais, o referencial identitário de um indivíduo. Assim, a identidade de um grupo de pertencimento passa pela relação ambivalente que os membros do grupo têm com os acontecimentos.

² <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/72947-narrativa-de-quotos-hungaresesquot-esta-aquem-de-sua-tematica.shtml>

A rigor, a falta de ancoragem territorial é compensada por uma memória genealógica forte e simbólica³. No universo ficcional de *Os húngares*, é essa memória que move alguns personagens ao retorno ao local de origem.

A agitação da estada dos soldados é concomitante à decisão de Rózsa de partir. Em meio aos recém-chegados, o pai de Rozália, que julgavam desaparecido, retornara à aldeia, com esposa e filho, e a menina não ficaria só. Muito embora, tanto Rózsa quanto seu amigo Gedeon soubessem que János retornara apenas por causa da casa que a filha herdara.

A incompatibilidade entre Tereza, a madrasta, e Rozália é imediata, principalmente em relação à proximidade com animais, e inversamente proporcional ao apego desta ao meio-irmão, Lajos. Quando Tereza afasta-o de Bélés, o cachorro da família, Lajos começa a ganir como um cão e vida afora continua a fazê-lo sempre que está triste.

Uma nova família chega à aldeia e Rozália descobre o amor, que não se concretiza devido à objeção do pai. Assim como József, o seu eleito, parte em busca de um futuro melhor, Rozália decide abandonar a terra natal, manifestando pela primeira vez a vocação de andarilha, que herdara de Rózsa.

Parte sem rumo, encontrando pelo caminho grupamentos de expatriados que,

[...] feito manadas, vagavam por distâncias indefinidas. Povos misturados e confundidos atravessando os campos poeirentos. Apesar da ausência de pátria, tinham sua própria identidade. Não havia anonimato. Como nos habitantes da aldeia natal, Rozália foi reconhecendo em todos os que encontrava o mesmo desprendimento, a mesma porosidade que absorvia com igual desembaraço o espírito gregário e a solidão. (MONTORO, 2011, p.53)

Com a tia, ela também partilha o recorrente impulso do retorno a casa. São os uivos de Lajos, inconformado com a sua partida, que forçam Tereza a implorar a Gedeon que traga Rozália de volta. Assim como, anos mais tarde, os mesmos ganidos precipitam a migração.

Incomodada com o fato de que o filho, Lajos, vive a ganir como um cão, Tereza convence um policial a ficar com Lobo, o cão da família e, segundo ela, causador da estranha mania que o filho desenvolvera. Cativando o menino com uma lanterna, o

³ Candau faz distinção entre a genealogia naturalizada e a genealogia simbolizada: a primeira se relaciona ao sangue e a o solo, enquanto a segunda se constitui a partir de um relato fundador. (CANDAU, 2012, p. 137).

policial o convence a trocá-la pelo cão, mostrando-se insensível ao arrependimento posterior do menino. Após a troca, tanto o menino quanto o cão demonstram uma tristeza profunda. O policial irritado com o animal, cuja apatia torna-o inútil para a caça, mata-o com um tiro entre os olhos.

A morte do cão faz com que o estado de Lajos piore ainda mais. Atenta ao conselho de um médico e vencida pela estranha doença do filho, Tereza òjuntou os trastes e devaneios para embarcar com a família em direção a terras promissoras que atraíam um sem fim de pessoas em busca do eldoradoö (MONTORO, 2011, p. 73).

A idealização do país de acolhimento, pertinente ao processo de migração, se repete no romance de Montoro: òO novo continente era visto como lugar de oportunidades, onde enriquecer era tão óbvio quanto um dia após o outro, e o dinheiro tão farto que poderia ser rasteladoö (MONTORO, 2011, p. 73).

Nesse contexto, Rózsa é uma personagem emblemática, símbolo do desenraizamento, da errância. A aura de estranheza que a cerca, sua quase irrealdade, faz dela o fio condutor da narrativa, pois perpassa as gerações, aparecendo e desaparecendo em momentos cruciais da vida de outras personagens.

Se à filha caçula de Rozália cabe tecer a narrativa, unindo-lhe os fios, transcendendo espaço e tempo, para registrar a voz dos que não a têm, sobretudo por tê-la perdido em meio ao trânsito, é Rózsa quem une as pontas do romance, início e fim, a dar-lhe, assim, um movimento cíclico.

Às vezes, as vozes da narradora e a de Rozália se confundem, parecendo adotar um mesmo tom, tornando difícil a percepção da alteridade. Embora para muitos esse dado possa ser indicativo de uma fragilidade do romance, há a possibilidade de interpretá-lo como um traço que une as mulheres da família, andarilhas por excelência, mas presas por um cordão umbilical invisível a terra natal.

A viagem é assim descrita:

Rozália atravessou o período de adaptação com um andar cambaio que só iria se firmar anos depois. Do que mais se lembra da viagem era o assombro que tinha em relação ao navio, ao oceano e à quantidade de pessoas que lotavam a terceira classe [...] Sentia falta de tudo que tinha deixado, casa, aldeia, bichos, Jozséf, chão para pisar, e, sobretudo, um lugar de estar sozinha, em silêncio. (MONTORO, 2011, p. 87)

O romance enfatiza o sentimento de estranheza dos recém-chegados:

Lembrava-se da surpresa ao conhecer os negros, o brilho encerado da pele, os dentes tão brancos que pareciam teclas de acordeão, e do estranhamento ao ver cachos de banana pendidos de cabeça para baixo nas árvores. E também a umidade morna que grudava na pele, tão estranha quanto a língua que escutava [...] por onde andaram todos os imigrantes àquela época é história conhecida e recontada por infinitas vozes. A imensidão de caminhos e descaminhos que iriam cruzar até encontrar parada foi coisa que nenhum deles poderia antever. (MONTORO, 2011, p. 87)

O processo de aculturação do imigrante, permeado de choques e de nostalgia, é abordado no texto de modo particular, por vezes quase evasivo. Em meio à rotina de trabalho exaustiva e um domínio precário do idioma da terra de adoção, a reconstrução do sentimento de pertença é lenta e dolorosa:

Rozália teve de esperar muito para ter a sensação de estar em algum lugar. Trabalhou na colheita de café, passou para o serviço doméstico na fazenda, foi para a cidade e empregou-se numa fábrica de cordas, depois numa tecelagem, voltou ao campo para o trabalho na roça, até que o pai foi mordido por uma cobra e toda a família se mudou em definitivo para a capital. Foi aí que experimentou um gosto de estabilidade. Tinha alguma compreensão do idioma e do jeito de ser local; odores e canto de pássaros já podiam ser reconhecidos, nomeava diversas frutas e acostumava-se com o desenho diferente das estrelas (MONTORO, 2011, p.91).

A terra natal passa a ser rememorada por meio de símbolos, pequenos elos que ainda fazem com que os imigrantes sintam-se húngaros:

Aos domingos eu podia ir para casa. Sempre guardava uma sobremesa para Lajos. Um dia levei uma maçã que ele ficou lustrando com a manga da camisa durante muito tempo e depois guardou embaixo do travesseiro. Disse que não iria comê-la. Porque gosto de maçã era gosto da aldeia, um gosto que queria guardar intocado na memória. E nunca mais comeu maçãs (MONTORO, 2011, p. 93).

Para muitos imigrantes, a melancolia tornou-se um peso e quando Jozséf vem para o Brasil em busca de Rozária, o faz acompanhado do pai e do irmão, que não conseguem de modo algum adaptar-se:

O irmão mais velho não conseguiu se adaptar à nova realidade, queria de volta a vida na aldeia, a fábrica de carvão, a casa no cemitério, a futura esposa. Fechou-se em desalento e recusou-se a tudo que não fosse a perspectiva de voltar. Com o pai aprendeu a beber o desgosto. (MONTORO, 2011, p. 96).

No romance, Jozséf consegue, com muito trabalho, juntar dinheiro suficiente para enviar de volta o pai e os irmãos, ao contrário do que acontecia na maioria das vezes.

O sítio dos húngareses, dado real em meio à ficção, é assim descrito:

O sítio dos húngareses era uma espécie de loteamento espontâneo com um aglomerado de casas mais ou menos próximas, um caminho entre elas e um lago servia a todas. Tio Imre fora atraído para lá por um conhecido, Gábor, um dos primeiros a fixar residência no sítio. Não era a península balcânica, mas o clima se assemelhava ao verão no sul da Hungria. As terras eram férteis e baratas e um conterrâneo foi avisando o outro, até formar-se a comunidade (MONTORO, 2011, p. 114).

Em *A memória coletiva*, Halbwachs (p.121) demonstrou que o òcampo memorável, ou seja, o conjunto de lembranças fortalece-se quando encontra um eco no pensamento coletivo, quando há convergência entre as representações que cada indivíduo mantém ou busca compartilhar com os demais membros do grupo. No sítio, o sentimento de pertencimento é resgatado, a herança cultural mantida viva por meio das danças, dos pratos típicos, do idioma natal.

Quando, ao fim do romance, os membros da comunidade começam a partir e a ser substituídos por outras pessoas de diferentes nacionalidades, o elo é quebrado, o mundo começa a desordenar-se:

A gente se acostuma a muita coisa nesta vida. Mas pessoas irem embora é coisa que não dá tempo de se acostumar. Porque no lugar da pessoa fica o espaço que ela deixou e que só pode ser ocupado pela lembrança. O que resta é um vazio cheio de ausência [...] quando o sítio se esvaziou de pessoas, foi sendo ocupado pelos espaços que elas deixaram e virou uma terra de ninguém. A aldeia, eu nunca soube em que se transformou. Uma e outro são as pontas do novelo em que se desenrolou a minha vida e o que está entre são como as águas de um rio que correm da nascente à foz. Meu viver, nascido na terra dos magiares, não teria outro lugar onde desembocar senão na terra dos húngareses. Depois de tudo fiquei assim, ocupada dentro e fora por essa extensão indefinida de lembranças e passado (MONTORO, 2011, p. 177).

Se o desfecho de *Os húngareses* resulta em òperambular e narrar o passado até que uma erva daninha se espalhe pela memória, o mesmo não se dá em *A chave de casa*.

O romance de Tatiana Salem Levy se situa entre a autobiografia e a ficção e narra, em tempos distintos, quatro narrativas que compõem a trajetória da protagonista e sua história familiar: a história do avô, desde sua partida de Esmirna, na Turquia; a história da doença de sua mãe; a história de uma relação amorosa plena de conflitos e perigos e, finalmente, a história da busca que a protagonista empreende pela própria identidade.

Assim como a autora, a protagonista do romance é descendente de judeus turcos e nasceu em Portugal, quando seus pais estavam no exílio, e, aos nove meses, após a Lei da Anistia, veio com os pais para o Brasil.

Nasci no exílio em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não seria menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? Por que tivemos de sair de um lugar para voltar ao mesmo lugar? Nasci no exílio, onde meus pais estavam sem querer estar. Nasci fora do meu país, no inverno, num dia frio e cinzento. Duas horas de *contração* sem poder parar, porque eu não tinha virado e a anestesista não estava lá. Penou, minha mãe, para me ter. (LEVY, 2007, p.25)

Os capítulos são breves, com alternância de vozes, e evocam o fluir da memória. No emaranhado polifônico, predominam as vozes da protagonista, a de sua mãe, já falecida, e a de um narrador em terceira pessoa.

Após a morte da mãe, vítima de câncer, a protagonista mergulha em uma imobilidade destrutiva, agravada por um relacionamento amoroso mal resolvido. Seu avô lhe dá, então, a chave da casa da família em Esmirna e a missão de ir ao encontro de suas origens.

A entrega da chave, no entanto, tem outra finalidade: a de propiciar à neta a autodescoberta, a definição de sua identidade, respondendo, assim, às perguntas que ela faz a si mesma: *“Nasci no exílio: e por isso sou assim, sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?”* (LEVY, 2007, p.25)

Para a narradora, sua imobilidade e sua dor são causadas pelo trauma da migração: uma carga herdada, que a faz sentir-se plural, quando o seu desejo é o de encontrar a si mesma, de definir-se, sem estar atrelada ao passado.

A rememoração da história do avô é quase como uma justificativa para a sua sede presente de reinventar-se:

Se ele quisesse poderia conservar seu nome, sua origem. Preferiu criar outros, dar um novo nome e uma nova origem à vida que o aguardava. Sentia que para recomeçar precisava de outra identidade: se não deixasse para trás tudo o que havia sido seu até então, estaria para sempre amarrado ao passado. (LEVY, 2007, p. 42)

O avô deixara sua terra devido à impossibilidade de casar-se com a mulher que amava e algum tempo mais tarde, já no Brasil, sofreu o choque da notícia da morte da jovem, que se suicidara ante o sofrimento da separação. Em consequência, permaneceu um mês prostrado, recluso em seu quarto.

Há semelhanças entre neta e avô no que diz respeito à reação às perdas. Ambos sentem-se, em um dado momento, submergir ante o peso do passado. Quando ele dá à neta a chave de casa, o faz para que, como ele fizera um dia, ela possa erguer-se e decidir qual será a sua herança, ou melhor, se há ou não relevância na manutenção dessa herança.

A escrita do romance surge, assim, como um processo de luto, de escolhas, que não só visam a dar um sentido a essa herança familiar, mas também a definir a herança literária. A viagem à Turquia, no entanto, não resulta em um retorno da narradora às suas origens, mas em uma expurgação do peso do que lhe fora legado pelos ancestrais.

Em *A chave de casa*, é a mãe já morta quem pede à filha, entregue à própria dor, que reaja; que vá à Turquia, que escreva a história de sua família. A escrita é o começo da viagem. Talvez, a verdadeira viagem: ãConto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história de chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram[...] conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma (LEVY, 2007, p. 133)

A dor faz parte do aprendizado:

Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor. Dói escrever esta história: cada nova palavra que encontro dói. Escrever, mãe, dói imensamente: dói tanto quanto é necessário. (LEVY, 2007, p.147)

A herança étnica e a desterritorialização somatizam-se no corpo da personagem. Debruçar-se sobre o próprio passado é um ritual de passagem, necessário para que os fantasmas interiores se desfaçam, para que seja possível escolher o que herdar.

O tom confessional da narrativa e o relato da doença e morte da mãe, bem como de uma relação amorosa quase doentia, revelam outras travessias que a personagem se vê obrigada a enfrentar. A obra, que desvela o seu processo de construção, é como a exposição de vísceras.

Com raiva, com ódio, jogo a máquina de escrever no chão e rasgo todas as folhas escritas. E também as brancas, para não correr o risco de continuar escrevendo. Percebo o quão inútil é escrever essa viagem de volta às origens. Não quero escrever nem mais uma vírgula, quero destruir o que foi escrito. Essa viagem não tem por que existir: nem de verdade, nem no papel (LEVY, 2007, p.162).

A viagem ora parece ser apenas ficcional, ora surge com as características de um deslocamento físico:

Esta viagem é uma mentira. Nunca saí da minha cama fétida. [...]Tenho em mim o silêncio e a solidão de uma família inteira, de gerações e gerações. Como se toda a alegria que cada um viveu fosse se desprendendo leve no ar e só ficasse a tristeza. E como se essa tristeza fosse se acumulando, se acumulando até chegar até a mim. Eu sou o resultado das dores de toda uma família.[...] Nunca sai do lugar, nunca viajei, não conheço senão a escuridão do meu quarto.[...] A chave que o meu avô me deu descansa ainda ao meu lado. (LEVY, 2007, p.106)

Ao contrário do que faziam os imigrantes de primeira geração, que recorriam à memória coletiva para a reconfiguração do seu sentido de pertencimento, legando ao passado o papel de lastro da ancoragem identitária, a protagonista de *A chave de casa*, membro de uma terceira geração, percorre o caminho inverso: o da libertação dos códigos dessa memória grupal, que, a seu ver, constituem os grilhões que a impedem de atingir uma definição pessoal da identidade.

A descoberta da demolição da casa que fora de seu avô dá à chave a sua real dimensão na história:

Todos pousaram o garfo no parto e olharam na minha direção quando perguntei: a casa do meu avô ainda existe? Raphael titubeou, depois ergueu a cabeça e, sem pestanejar, respondeu: não. Quando sua avó se mudou para o Brasil, deixou a casa vazia. Ela ficou abandonada

durante muitos anos e depois acabou sendo destruída. Você queria conhecê-la? ele perguntou. Conte-lhe então que meu avô tinha me dado a chave para tentar abrir a porta da sua antiga casa. Ele me olhou com ar desconfiado: seu avô não sabia que a casa tinha sido destruída? Pega de surpresa, gaguejei e, vacilando, disse: acho que não. Mas saí de lá com a pulga atrás da orelha. (LEVY, 2007, p.164)

A trajetória da protagonista em busca de si mesma é uma forma de reação a duas formas diferentes de subordinação identitária: à herança familiar e ao amante, que a submete aos seus caprichos, sem respeito à sua individualidade.

É a memória que a leva também a percorrer a história da mãe, o episódio de sua prisão durante a ditadura, o exílio em Portugal, as muitas nuances da dor que parece acompanhá-la sempre:

A dor está em tudo, espalhada por todos os cantos do planeta, por todos os cantos de nós. Não existe nem mesmo um poro da pele que não carregue dor. Os sentimentos mudam, mas a dor persiste. Em tudo o que experimentei, lá estava ela, de um modo ou de outro (LEVY, 2007, p.147).

Rememorar a história dos familiares é parte de sua viagem pessoal, cujo percurso é resumido na fala da protagonista ao homem que encontra em Lisboa:

Então, continuei a lhe contar. Contei como tinha sido a viagem à Turquia, as pessoas que tinha encontrado, a casa que não estava mais lá. Contei que tinha feito esse percurso para tentar sair do lugar, porque havia muito eu não me levantava da cama, no Brasil. Contei também da morte da minha mãe., da dor, do luto. Disse-lhe que falo com ela até hoje. Falo com os mortos, afirmo, com os mortos que me acompanham. E depois contei do amor que me matou: um dia eu ameí um homem, e esse homem me matou. Contei da violência, dos rasgos que ele fez na minha carne, e mostrei as marcas, as cicatrizes todas (LEVY, 2007, p. 200).

Esse encontro faz de Lisboa não a terra onde nasceu, onde parte da história dos pais foi vivida, mas presentifica o espaço: ãE assim pude partir em paz, voltar para o Brasil com a certeza de que a minha relação com Portugal não era mais uma relação com o passado, nem do passadoö (LEVY, 2007, p.205).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas obras examinadas contêm representações do deslocamento, da viagem, em sua relação com a configuração da identidade. Seguem, no entanto, direções inversas. O texto de Montoro aponta para uma relação de resgate da herança cultural, de cultivo da memória étnica, enquanto que o de Levy aponta para a sua dissolução como meio de constituição de um novo eu.

A polifonia está presente nas duas obras. Há, inclusive, certa semelhança na evocação de situações e eventos pelas vozes de mães e filhas. Mães ausentes, cujo discurso surge como um relato que se constrói entre a alucinação e a lembrança.

Se, conforme afirma Eco (2012, p.137), o emaranhado da memória individual e da memória coletiva prolonga a nossa vida, como uma promessa de imortalidade, por outro, o que nos encanta na ficção é sua faculdade de estruturar experiências passadas e presentes. As protagonistas dos dois romances debruçam-se sobre as histórias dos antepassados em busca do conhecimento do seu estado presente. Ambas viajam nas asas da memória: uma como as águas de um rio que corre da nascente à foz; a outra sob o emblema de uma chave que sela e separa histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MONTORO, Suzana. *Os húngareses*.
- MUXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris: Nathan, 1996.

Recebido em 18/07/2014.

Aceito em 22/08/2014.